

jornal da tarde

Publicado pela S/A O ESTADO DE SÃO PAULO
 Av. Engº Caetano Álvares, 55 — Tel.: 856-2122 (PABX) — CEP 02598-900
 São Paulo — SP — Caixa Postal 8005 — CEP 01065-970 SP — E. Telegráfico ESTADO
 Telex 011.23511 — Fax 265-2297



Fundado em 1873

JÚLIO MESQUITA
 (1891 - 1927)

JÚLIO DE MESQUITA FILHO - FRANCISCO MESQUITA
 (1927 - 1969)

Diretor Responsável

RUY MESQUITA

Diretores

Júlio de Mesquita Neto

Luiz Vieira de Carvalho Mesquita

Ruy Mesquita

César Tácito Lopes Costa

José M. Homem de Montes

Oliveiros S. Ferreira

Diretor de Unidade

Ruy Mesquita Filho

Diretor de Redação

Fernão L. Mesquita

Diretor Executivo

Fernando L. Mitre

Editor Chefe

Celso Kinjô

Diretor Superintendente

Francisco Mesquita Neto

Diretor Comercial

Roberto Crissiuma Mesquita

Diretor Agência Estado

Rodrigo L. Mesquita

O vigor do setor privado

Os números relativos à inflação, à recessão, ao déficit público e à concentração de renda são mais do que suficientes para colocar o Brasil numa situação incomparavelmente pior do que a dos países latino-americanos, como o México, a Argentina e o Chile, por exemplo, que, superando crises muito semelhantes à nossa, já reorganizaram financeiramente seus setores públicos, eliminando assim a fonte primária da inflação, retomaram o crescimento e procuram integrar suas economias o mais rapidamente possível à economia mundial. Nisso o Brasil ficou claramente para trás. No quadro sombrio sobre o qual se desenvolve hoje a atividade econômica brasileira, no entanto, há um dado extremamente positivo que, tão logo se estanque a hemorragia inflacionária, tem todas as condições para recolocar o País na liderança econômica da América Latina.

Trata-se do setor privado. Como lembrou o ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, ao explicar o Programa de Ação Imediata do governo, enquanto o governo está enfermo, a economia brasileira continua sadia e vigorosa, como mostram o crescimento das exportações, o aumento da produtividade da indústria e a expansão do PIB nos últimos meses. Ao contrário do que aconteceu em outros países da América Latina, no Brasil o setor privado fez da crise o estímulo para elevar seu desempenho.

Em países como a Argentina e o México, o grande passo para a estabilização foi dado dentro do setor público, por meio do combate frontal ao déficit, com medidas como cortes de gastos, reorganização do sistema tributário e, sobretudo, a privatização. Feito isso, esses países tratam agora de acertar o setor privado. No caso da Argentina, esse acerto pode ser tão difícil quanto o do setor público, se não for ainda mais complicado. Como se sabe, a Argentina passou por um longo período de estagnação que levou ao fechamento de fábricas inteiras e reduziu enormemente a competitividade

de seu parque industrial. Só agora o setor privado começa a reconquistar o terreno perdido.

A economia brasileira, maior e mais diversificada do que as economias dos demais países latino-americanos, tem hoje uma indústria que, apesar da longa crise vivida pelo País desde o início da década de 80, é a mais moderna da região. Só para se ter uma idéia disso, basta observar que, num grupo de 193 grandes indústrias que estão sendo objeto de uma pesquisa da Unicamp e da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 69% têm equipamentos com menos de 10 anos de uso. É uma idade média alta se comparada com a dos Estados Unidos e do Japão (6 anos), mas baixa frente à média da América Latina. Essas indústrias já estão preparadas para crescer, pois eliminaram gorduras e enrijeceram músculos. Reduziram seus níveis hierárquicos de seis para cinco, encurtaram os prazos de produção de 31 para 23 dias e, os de entrega, de 54 para 35 dias.

É cada vez maior entre as indústrias brasileiras o uso das técnicas gerenciais japonesas, que alguns especialistas em tecnologia consideram um fator de transformação dos processos produtivos tão importante como o foram há alguns anos a eletrônica, a informática e a automação. Não é por acaso, pois, que as indústrias apresentam hoje uma produtividade mais elevada do que há 10 anos. O ex-ministro da Fazenda Mailson da Nóbrega, hoje consultor de empresas, acredita que as indústrias brasileiras estejam passando por uma revolução caracterizada por rápida modernização e grandes ganhos de produtividade, que chegam a 30% em alguns segmentos. O fenômeno ocorre também na agricultura, que está aumentando sua produção, mesmo com a redução da área plantada.

Por tudo isso, depois que o Brasil ajustar o seu setor público, como o fizeram outros países latino-americanos e como, finalmente, o governo diz que vai fazer, a retomada do crescimento poderá ser mais rápida do que tem sido naqueles países.